

DEUS PRIMEIRO



MORDOMIA CRISTÃ

Semana de Reavivamiento

2021



PRIMEIRO DEUS
MINISTÉRIO DA MORDOMIA CRISTÃ

DEUS PRIMEIRO

MORDOMIA CRISTÃ

*Semana de
Reavivamiento*
2021



SEMANA DE REAVIVAMENTO DEUS PRIMEIRO 2021

Copyright ©2021.

Conferência Geral das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia®. Todos os direitos reservados.

Publicado pela Review and Herald® Publishing Association.

Prefácio: Marcos F. Bomfim

Escrito por Aniel Barbe e Dr. Peter Landless

Revisão: Jeffrey Brown

Assistente editorial: Alan Hecht

Arte e Diagramação: Johnetta B. Flomo

Este material pode ser traduzido, impresso ou fotocopiado por qualquer entidade Adventista do Sétimo Dia sem necessidade de autorização adicional. Os documentos que são publicados novamente devem incluir a frase de crédito:

“Ministérios da Mordomia, Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, usado com permissão.”

É proibida a venda desta obra para fins lucrativos.

A menos que em contrário indicado, todas as Escrituras são retiradas da Bíblia Sagrada, Versão Almeida Revista e Corrigida 2009. Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

INSCRIÇÃO

gcstewardship@gc.adventist.org

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, Maryland 20904

Deus Primeiro 2021

CONTEÚDO

Prefácio	07
DIA I : Os Negócios do Meu Pai	08
DIA II : Os Muros Precisam Ser Derrubados	12
DIA III : Comprados por Alto Preço	16
DIA IV : Facilitadores de uma Nova Visão	20
DIA V : O Dia de Colocarmos a Deus em Primeiro Lugar	25
DIA VI : O Melhor Negócio da Vida	30
DIA VII : Sendo Generosos Mesmo no Sofrimento	34

Prefácio

Deus Primeiro” não é apenas o título desta Semana de Oração de Ênfase na Mordomia. A expressão revela a crença e o comportamento de todos os que aceitam a Jesus Cristo como Senhor e escolhem viver para glorificá-Lo. Por essa razão, Deus Primeiro se tornou um lema para o Departamento de Ministérios de Mordomia da Associação Geral e um princípio importante em sua Orientação Estratégica. Em tudo o que fazemos (e esta Semana de Oração não é exceção), visualizamos as pessoas colocando a Deus em primeiro lugar em sua vida.

Portanto, esta Semana de Oração não é uma coleção aleatória de sermões sobre mordomia. O propósito dela é levar as pessoas à decisão de colocar a Deus em primeiro lugar em sete aspectos cruciais da vida espiritual. A sequência de temas é baseada nos sete pontos de decisão apresentados no Cartão de Compromisso. Esses sete pontos podem ser considerados como etapas na jornada em busca de uma intimidade mais profunda com Deus. Feita pela fé, essa jornada deve se tornar um exercício contínuo de confiança no Senhor.

Mas esses sermões não devem ser apenas pregados. Eles precisam ser vividos pelo pregador antes de serem apresentados, com autoridade, para a congregação. Como a integridade é uma virtude importante para um pregador, toda e qualquer deficiência na vida cristã em geral, ou nas áreas abordadas por essa Semana de Oração em particular, deve ser confessada a Jesus antes que o apresentador convide as pessoas a se decidirem por Jesus. Nenhum púlpito ou plataforma de igreja pode conferir autoridade espiritual a um pregador, a menos que essa pessoa tenha sido purificada e justificada por Jesus, aceitando Sua morte vicária, pela fé.

Como qualquer evangelista sabe muito bem, não basta apresentar a verdade. Deve haver também um chamado para a ação, de modo que as pessoas tomem uma decisão. Nesta Semana de Oração, esse apelo é sugerido na seção “Minha Promessa”, no fim de cada sermão. Portanto, se você vai pregar esses sermões, ore para que este apelo dê resultados, mediante a ação do Espírito Santo, primeiro no seu próprio coração e, depois, no coração de cada ouvinte. Ore para que você se torne o porta-voz de Cristo. Peça para as pessoas desenvolverem uma intimidade com Ele por meio de cada uma das sete práticas.

Como pensamento final, gostaria de agradecer primeiro a Aniel Barbe, Diretor Associado dos Ministérios de Administração da Associação Geral, editor da revista Mordomo Dinâmico e principal colaborador da Semana de Oração de Ênfase em Mordomia, por investir tanto tempo e energia na preparação deste recurso. Nossa gratidão também ao Dr. Peter Landless, Diretor dos Ministérios de Saúde da Associação Geral, por escrever o terceiro sermão, sobre saúde. Esse sempre será um tema importante para a mordomia, uma vez que o reavivamento e a reforma em nossa vida espiritual não poderão acontecer a menos que haja um reavivamento e reforma correspondentes em nossos hábitos físicos.

Que o Senhor use este recurso e a sua vida, caro leitor, como ferramentas nas mãos Dele para a salvação das pessoas!

Marcos Faiock Bomfim
Ministérios de Mordomia da Associação Geral

DIA I

Os

Negócios

do Meu

Pai

Primeiro Deus
ao adorarmos
Lucas 2:41-49

Nos tempos antigos, era comum um filho aprender e seguir o ofício de seu pai. Se seu pai fosse pescador, ferreiro, carpinteiro, fazendeiro ou sacerdote, o mais provável era que você se tornasse um desses profissionais. As coisas mudaram muito hoje. Meu pai era chef de cozinha, e não tenho orgulho de dizer que só sei fritar ovos, fazer macarrão instantâneo e preparar uma salada mista. Graças a Deus, não foi assim com Jesus; Ele era totalmente comprometido com os negócios de Seu Pai. Lemos em Lucas 2:49: “E Ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (ARC). Na opinião de Jesus, tratar dos negócios de Seu Pai não era opcional; era um dever que Ele desejava cum-

prir. Jesus permaneceu em Jerusalém por três dias para tratar dos negócios de Seu Pai. O que podemos aprender com Jesus, então um menino de 12 anos de idade, sobre como tratar os negócios de nosso Pai?

Os negócios de Meu Pai

É interessante notar que a palavra “negócios” não está presente no texto original. Ela foi acrescentada por tradutores para dar um significado mais claro às palavras de Jesus. Não fosse por isso, a tradução literal seria assim: “na de meu Pai”. Baseando-se no contexto, porém, os tradutores acharam por bem adicionar a palavra “coisas”: “nas [coisas] de meu Pai”. Essa adição nos leva a duas traduções possíveis: “nos negócios de meu Pai” ou “na casa de meu Pai”. As traduções que usam “nos negócios de meu Pai” se concentram nas ações em que Jesus esteve envolvi-

do. As traduções que usam “na casa de meu Pai” se concentram no lugar onde Jesus passou aqueles três dias. Para que tenhamos uma compreensão completa do que seriam os “negócios de Meu Pai”, reteremos os dois significados: Jesus estava na casa de Seu Pai e fazendo a obra de Seu Pai.

Sentar, ouvir, perguntar

Quando pensamos no jovem Jesus cuidando dos negócios do Pai, geralmente pensamos Nele respondendo a perguntas e compartilhando Seu conhecimento com os sacerdotes e ouvintes presentes. No entanto, esse episódio de Jesus no templo, aos 12 anos de idade, fornece uma descrição mais abrangente de Jesus cuidando dos negócios de Seu Pai. Lemos em Lucas 2:46-47: “Três dias depois, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. E todos os que ouviam



o menino se admiravam muito da sua inteligência e das suas respostas”.

O versículo 47 fala sobre as ações de Jesus: Ele estava compartilhando Seu conhecimento e respondendo a perguntas. No entanto, a descrição de Jesus tratando dos negócios de Seu Pai começa no versículo 46. Lucas emprega outro grupo de verbos: sentar, ouvir e perguntar; não ensinar e responder. Ficava Ele mais tempo sentado do que agindo? Ouvindo mais do que falando? Perguntando mais do que respondendo? Não sabemos. Mas tudo isso fazia parte dos negócios de Seu Pai. Era um pacote completo. Tratar dos negócios do Pai tem dois componentes: agir em nome do Pai e estar na presença do Pai.

Normalmente, quando falamos sobre agir em nome do Pai, estamos nos referindo ao ensino, à pregação, à cura e às doações. No entanto, convido vocês para nos concentrarmos por um momento em estar na presença do Pai, sentados, ouvindo e perguntando.

Assentado

A palavra “assentado” transmite a ideia de Jesus observando, contemplando e meditando sobre o que estava acontecendo ao Seu redor. Ellen G. White comenta sobre a postura de Jesus: “

Silencioso e absorto, parecia estudar a solução de um grande problema. O mistério de Sua missão desvendava-se ao Salvador. [...] Buscou estar sozinho” (O Desejado de Todas as Nações, p. 46).

Essa postura não é comum no agitado mundo de nossa cultura contemporânea. Hoje, elogiamos as pessoas muito ocupadas, os oradores eloquentes e aqueles que estão sempre cercados ou seguidos por multidões. Nossos valores são muito diferentes dos de Jesus! Ele sentou-Se em silêncio, absorto na meditação, sozinho com o Pai. Ele não tinha pressa para tratar dos negócios de Seu Pai; em vez disso, assentou-Se.

Sentar-nos tranquilos ou estar quietos na presença do Pai é um elemento essencial para tratar de Seus negócios.

DEVOCIONAL DE
LEITURAS DE DÍZIMOS
E OFERTAS DE 2022

NÓS
ADORAMOS
2022



Ele disse em alta voz: “Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do seu juízo. Adorem aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas”.
Apocalipse 14:7 (NVI)

 **Review & Herald**
PUBLISHING ASSOCIATION

O profeta Habacuque nos convida a nos juntarmos a Jesus nesta experiência: “O Senhor está em Seu santo templo; diante Dele fique em silêncio toda a terra” (Hb 2:20, NVI). Lemos no Salmo 46:10: “Aquietem-se e saibam que Eu sou Deus”.

Ouvir

Jesus também tratou dos negócios de Seu Pai dedicando tempo para ouvir os ensinamentos dos escribas e doutores da lei. O verbo “ouvir” implica a intenção de compreender e aprender, não apenas de escutar o que foi dito.



Naquela época, um dos aposentos do templo era reservado para o ensino público. Alguns alunos se sentavam em um banco baixo, enquanto os mais novos ficavam no chão, literalmente “aos pés” do instrutor. Sendo um menino de 12 anos, provavelmente era onde Jesus estava. Ellen G. White descreve a atitude Dele nestas palavras:

“Jesus Se apresentou como pessoa sedenta de conhecimento de Deus” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 47).

Como Palavra de vida e como Sabedoria, Jesus estava dando um exemplo para todos os Seus seguidores ao mostrar-Se “sedento do conhecimento de Deus”. Estamos nós ouvindo, desejosos por obter um conhecimento mais profundo de Deus ou estamos satisfeitos com um conhecimento raso e superficial, adquirido anos atrás?

Lucas 11:28 nos fala sobre o principal

argumento que Jesus apresentou ao contar a parábola dos dois construtores, onde um construiu na areia e o outro, na rocha: “Jesus, porém, respondeu: – [...] Mais bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!” Ouvir a palavra de Deus e depois cumpri-la foram os critérios adotados por Jesus para distinguir entre os sábios e os tolos. O livro de Apocalipse começa falando sobre a importância de ouvir a Palavra de Deus ao nos aproximarmos do fim dos tempos: “Bem-aventurado aquele que lê, e bem-aventurados aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Ap 1:3).

Perguntar

Quem faz perguntas geralmente está em busca de um conhecimento mais profundo, demonstrando que precisa de esclarecimento ou compreensão. Perguntar é buscar aprender mais. Ellen

G. White compartilha a natureza das perguntas de Jesus: “Como pessoa que busca saber, interrogava esses mestres relativamente às profecias, e a acontecimentos que estavam então ocorrendo e indicavam o advento do Messias” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 46).

Deus nos convida a associar-nos a Ele a fim de obtermos um conhecimento mais profundo. Lemos em Jeremias 33:3: “Chame por mim e eu responderei; eu lhe anunciarei coisas grandes e ocultas, que você não conhece”.

A experiência do profeta Daniel, escolhido logo após Jeremias, nos mostra como Deus Se compromete a responder às nossas perguntas quando ousamos perguntar. Daniel disse: “Enquanto eu assim orava, Gabriel, o homem que eu tinha visto na minha visão anterior, veio rapidamente, voando, e tocou em mim; era hora do sacrifício da tarde. Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: – Daniel, agora eu vim para dar a você inteligência e discernimento” (Dn 9:21, 22). Deus diz: “Peça e Eu revelarei Meus mistérios a você”.

Assim como Daniel, nós também precisamos ter clareza sobre o tempo em que vivemos. Como entendemos todos os eventos que acontecem ao nosso redor? Peça a Deus, e Ele lhe dará discernimento e compreensão.

Aos 12 anos de idade, no templo de Jerusalém, Jesus escolheu primeiro sentar-Se, ouvir e perguntar. Era dessa maneira que Ele tratava dos negócios de Seu Pai.

Buscando a presença Dele

O que poderia ter motivado Jesus, um adolescente de 12 anos, a ficar para trás enquanto Seus pais e amigos voltavam para Nazaré? Ele abriu mão de toda a diversão e camaradagem da viagem para poder ficar no templo. Ao contrário do que fez Jesus, rapidamente reclamamos quando temos que nos privar de alguma diversão por devermos passar algumas horas na igreja ou estar na presença de Deus. Compreendo melhor a escolha que Jesus fez quando leio as palavras do salmista: *“Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus a permanecer nas tendas da perversidade”* (Sl 84:10). De acordo com esse Salmo, o templo era o lugar de escolha, não por causa dos mármore finos e das pedras preciosas, mas porque era “a [Tua] habitação, Senhor dos Exércitos” (v. 1, NVI). Jesus ansiava pela presença de Deus, pela intimidade com o Pai. Foi por isso que Ele ficou para trás.

O Salmo 84 usa outra imagem, de natureza geográfica, para justificar a escolha de estar no templo de Deus: *“Quando passa pelo vale árido, faz dele um manancial; de bênçãos o cobre a primeira chuva”* (v. 6). Baca era, em realidade, um vale perto de Jerusalém. Baca também significa “o lugar de choro”. Aqueles que passaram pela experiência do templo adquirem o poder de transformar realidades, mesmo aquelas mais difíceis, tanto na vida pessoal quanto na de outras pessoas. Suas ações são comparadas a fontes refrescantes e a chuvas de outono que trazem uma nova vida. As pessoas estão chorando por causa das circunstâncias desafiadoras da

vida, das perdas sofridas e das doenças?

Aqueles que se sentam, ouvem e perguntam são uma fonte de conforto, encorajamento, esperança e inspiração. Essa foi a missão de Jesus e é nossa missão também.

Conclusão

Jesus estava envolvido em tratar dos negócios do Pai por meio do ensino, da pregação, do serviço e oferecendo a Si

Que seja essa nossa experiência durante a Semana de Ênfase da Mordomia “Deus Primeiro”.

Indo mais fundo

- Qual tem sido sua experiência quanto a sentar-se, ouvir e perguntar ao longo da jornada de sua vida?
- Que obstáculos podem estar impedindo que nos envolvamos na experiência de sentar-nos, ouvir e perguntar?



mesmo. Essa é uma boa descrição de Sua vida pública, embora não seja uma imagem completa Dele ao tratar dos negócios de Seu Pai. Ele também Se sentou, ouviu e perguntou. Foi esse o alicerce de Seu ministério e do serviço abnegado. Jesus nos mostra que, para realizar os negócios de nosso Pai, devemos primeiro sentar-nos, ouvir e ter comunhão com o Pai. Quanto mais contemplamos, ouvimos e oramos, mais somos transformados à imagem do Pai.

- Como poderemos superar esses obstáculos?

Mieu pacto: SEPARAR os primeiros momentos de cada dia para comunhão com o Senhor através da ORAÇÃO, do estudo da Bíblia, do Espírito de Profecia e da Lição da Escola Sabatina, e através do CULTO FAMILIAR.

DIA II :

Os Muros Precisam Ser Derrubados

Deus Primeiro na maneira de tratar os outros

Lucas 19:1-9

A história de Zaqueu de Jericó é uma história de muros derrubados. Lucas 19:1-8 fala sobre como os muros de separação na vida de Zaqueu foram derrubados e como as relações entre ele e Deus e entre ele e os outros foram restauradas. Sua história é repleta de orientações para qualquer pessoa que deseja ter melhores relacionamentos.

Zaqueu e a cidade fortificada

Zaqueu morava em uma cidade antiga – a primeira cidade conquistada depois que Josué e os israelitas

atravessaram o rio Jordão. Aquele lugar era histórico. A cidade tinha voltado a ser popular na época de Zaqueu. Foi em Jericó que Herodes, o Grande, estabeleceu uma residência de inverno, e foi lá que ele morreu, no ano 4 a.C. A cidade era um polo econômico regional devido à produção de tâmaras, vinhos, especiarias e perfumes. Sua localização estratégica – bem na encruzilhada de estradas da antiga Palestina – era responsável por grande parte de sua popularidade. Comerciantes, soldados e peregrinos passavam por Jericó, e Zaqueu, um cobrador de impostos, soube aproveitar muito

bem a situação.

É assim que o Evangelho de Lucas apresenta Zaqueu: “Um homem rico, [...] chefe dos publicanos” (Lc 19:2). O nome dele revela sua origem judaica, embora fosse um oficial romano pela profissão que exercia. Isso o colocava em uma posição ambígua e difícil. Os judeus o consideravam um traidor e o odiavam. Ele não tinha permissão para participar sequer da vida comunitária da sinagoga local. Tanto no aspecto social como no religioso ele era marginalizado. Por que uma pessoa se submeteria a tal rejeição? A resposta pode ser encontrada na



descrição de Lucas sobre Zaqueu: ele era um homem “rico”. Por amor ao dinheiro e a posses materiais, ele sacrificou suas relações sociais.

Aparentemente, Zaqueu obteve sucesso em sua carreira e no objetivo de ficar rico. Tendo ascendido ao posto de principal coletor de impostos, agora ele era o grande Zaqueu. Com toda aquela riqueza e sucesso, era de se esperar que Zaqueu fosse muito feliz. No entanto, parecia que algo estava faltando em sua vida. Ele queria preencher um vazio que sentia por dentro. Nos versos 3 e 4, lemos que Zaqueu “*procurava ver quem era Jesus, mas não podia, por causa da multidão, por ser ele de pequena estatura. Então, correndo adiante, subiu num sicômoro a fim de ver Jesus, porque Ele havia de passar por ali*”.

Ellen G. White explica o desejo que Zaqueu tinha de ver Jesus com as seguintes palavras:

“Todavia, o rico funcionário da alfândega não era de todo endurecido homem do mundo que parecia. Sob a aparência de mundanismo e orgulho, achava-se um coração susceptível às influências divinas. [...] O chefe de publicanos anelava contemplar o rosto Daquele cujas palavras lhe infundiram esperança ao coração” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 233, 234).

Seu dinheiro e suas riquezas não trariam fim à sua desesperança. Zaqueu desejava ter um relacionamento que fosse diferente daquele que tinha com as coisas materiais.

De acordo com o texto acima, Zaqueu teve que superar dois obstáculos para estabelecer essa nova relação: sua baixa estatura e a multidão densa e hostil. Relações de qualidade sempre têm um custo. Para Zaqueu, o custo era correr e subir na árvore.

Jesus, o demolidor de muros

Os muros de Jericó haviam caído séculos atrás quando Josué e seu exército marcharam ao redor deles por sete dias. Podemos supor que, em sua vida, Zaqueu havia derrubado alguns muros como o analfabetismo e a pobreza. No entanto, o muro relacional ainda era largo e alto, e não dava mostras de que fosse cair. Aquele publicano não desfrutava de nenhum relacionamento de qualidade, nem com as pessoas ao seu redor nem com Deus. Subir no sicômoro foi um bom começo, mas não foi o suficiente para que o muro que separava Zaqueu dos outros fosse derrubado. A visita de Jesus a Jericó marcaria uma meia-volta.

Encarapitado naquela árvore, a intenção de Zaqueu era apenas estabelecer uma relação distante e impessoal com Jesus. Mas Jesus tinha uma proposta muito melhor para ele:

“Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse: — Zaqueu, desça depressa, porque hoje preciso ficar na sua casa” (Lc 19: 5). Jesus lhe ofereceu um relacionamento íntimo e pessoal. Essa era a aspiração real, mas não expressa, de Zaqueu. E ele desceu da árvore. O Espírito de Profecia comenta a resposta de Zaqueu:

“A multidão abre alas, e Zaqueu, caminhando como quem sonha, serve de guia para sua residência” (O Desejado de Todas as Nações, p. 387).

Jesus sabia como chegar à casa de Zaqueu, mas queria que ele mesmo mostrasse o caminho. Sendo um cavaleiro, não forçou a entrada. Zaqueu é quem teve que abrir a porta.

No final do dia, Jesus falou sobre o motivo de Sua visita à casa de Zaqueu. Lemos nos versos 9 e 10: “Então Jesus lhe disse: — Hoje houve salvação nesta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”. Existem duas informações essenciais nessa passagem: Jesus fala sobre a identidade de Zaqueu, a saber, um “filho de Abraão”. Na perspectiva de Jesus, Zaqueu era alguém por causa de sua afiliação com a família de Abraão e, por extensão, com a família humana. Zaqueu foi criado no relacionamento e para o relacionamento. Ao negar essa característica – por estar tão motivado por sua busca por coisas materiais – ele se afastou de sua identidade, passando a viver uma vida insatisfatória e incompleta, para dizer o mínimo. Nossa necessidade natural de relacionamento nunca pode ser satisfeita por meio de posses materiais ou realizações. Era essencial que Zaqueu se reconectasse com sua identidade como

Recapturing the Spirit of
the Adventist Pioneers Today

passion
purpose
& power

COMPILED & EDITED BY
JAMES R. NIX

um indivíduo relacional.

A segunda informação contida nesses comentários finais foi sobre a missão de Jesus. Jesus a descreve em termos relacionais: “buscar” e “salvar”. Ele não apenas nos salva do pecado, mas também das consequências do pecado, ou seja, muros de separação erguidos entre Deus e as pessoas e entre as próprias pessoas. O apóstolo Paulo destacou esse aspecto do ministério de Jesus quando escreveu: *“Ora, tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação”* (2Co 5:18). A salvação dada por Deus nos restaura como seres sociais.

Por escolha própria, Zaqueu era um construtor de muros; Jesus, por Sua graça e Seu amor, Se tornou o Demolidor de Muros na vida de Zaqueu.

Vida sem muros

O encontro entre Zaqueu e o Demolidor de Muros teve como resultado a restauração. Lemos no versículo 8: “Zaqueu, por sua vez, se levantou e disse ao Senhor: – Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres. E, se extorqui alguma coisa de alguém, vou restituir quatro vezes mais”. Essa declaração foi solene e significativa. Zaqueu escolheu não permanecer sentado ou recostado. O edificador de muros finalmente decidiu viver uma vida honesta, sem muros.

Um dos primeiros muros que ele decidiu derrubar foi o muro de separação que havia entre pobres e ricos. Zaqueu, o rico, decidiu se reconectar com os pobres. Ele não estava apenas assumindo o compromisso de ser amigo, de falar, de brincar e de orar com os pobres, mas

de participar na mudança das condições de vida deles. Existem quatro tipos de relacionamento que podemos manter com aqueles que são diferentes de nós: nenhum relacionamento, um relacionamento de respeito, um relacionamento baseado no interesse próprio ou um relacionamento fortalecedor. Zaqueu decidiu se envolver num relacionamento fortalecedor. Ao fazer isso, ele pôs em prática as instruções Daquele que o resgatara, encontradas em Levítico 25:35-37: “Se alguém do seu povo se tornar pobre e as suas mãos se enfraquecerem, então você tem o dever de sustentá-lo; ele viverá com você como estrangeiro e peregrino. Não cobre dele juros nem ganho, mas tema o seu Deus, para que esse seu irmão possa viver perto de você. Não cobre juros sobre o dinheiro que emprestar a ele, nem dê mantimento a ele esperando obter lucro”.

O outrora ganancioso e egoísta Zaqueu agora estava envolvido em algo inimaginável. Essa qualidade de relacionamento com os outros foi possível por causa do encontro com o Salvador. Quando nos conectamos com Deus, nossas inclinações egoístas são vencidas e somos transformados à Sua imagem.

Além de ajudar os pobres, Zaqueu se comprometeu a devolver o que havia roubado. Alguns relacionamentos nunca podem ser restaurados sem que haja a devida restituição. Um princípio básico é assumir a responsabilidade pelo relacionamento rompido, reconhecer que prejudicamos o outro e fazer todo o possível para consertar o que está errado. Ellen G. White faz o seguinte comentário sobre a restituição de Zaqueu:

“Não é genuíno nenhum arre-

pendimento que não opere a reforma” (O Desejado de Todas as Nações, p. 388).

Quando um relacionamento é destruído, não é aconselhável tentar seguir em frente sem uma abordagem às causas do conflito anterior. Na ausência de um desfecho adequado, as feridas se reabrirão, o que pode impedir o restabelecimento de um relacionamento profundo e sincero.

Conclusão

Por anos, Zaqueu viveu dentro dos muros do materialismo. Ele não estava feliz nem satisfeito. Depois de seu encontro com Jesus, o relacionamento com Deus e com os outros passou a ter maior importância do que a aquisição de riqueza. Ele foi libertado de sua prisão de ouro e se tornou um instrumento de liberdade para outros. Por que não convidamos Jesus para atuar como um demolidor de muros em nossa vida?

Indo mais fundo

- Se desejar, fale sobre como um relacionamento rompido foi restaurado.
- Como você foi afetado por essa experiência?
- Alguém que você conhece está lutando para consertar e melhorar alguns relacionamentos? Você gostaria de pedir a ajuda de Deus para essa pessoa?

Meu pacto: MELHORAR meus RELACIONAMENTOS: crescendo em fidelidade, perdão e amor por princípio.

DIA III :

Comprados por alto preço

Deus Primeiro no cuidado com os outros
Lucas 9:10, 28

No início de minha carreira de médico, fiz um parto cesáreo no hospital local. Uma saudável menina acabara de nascer! Terminado o parto, voltei para meu consultório para atender os pacientes. De repente, o telefone tocou, e a voz do outro lado interrompeu minha tranquilidade.

“A paciente está sangrando”, disse a enfermeira. “Venha imediatamente.”

Diferentes cenários de casos e de possíveis causas passavam por minha mente quase tão rapidamente quanto a velocidade com que eu estava

dirigindo meu carro de volta para o hospital. A sede da missão estava situada em uma área rural, e ali não havia banco de sangue. O que fazer?

Ao entrar no hospital, lembrei-me de que meu tipo de sangue era o mesmo daquela paciente em estado grave. Apesar da relutância do pessoal médico, pedi que uma enfermeira tirasse um pouco menos de meio litro do meu sangue, que foi imediatamente infundido naquele corpo pálido e em choque. O sangramento cedeu, e logo a paciente se recuperou. Na verdade,

alguns dias depois ela estava de volta ao consultório, saudável e corada, com seu lindo bebê nos braços e uma gratidão infinita por meu presente de sangue.

A situação me proporcionou a oportunidade de compartilhar a maravilhosa história de nosso Salvador, que deu Seu sangue para salvar todos nós! Enquanto eu olhava para aqueles grandes olhos castanhos brilhando com lágrimas de gratidão, mais claramente do que nunca entendi que somos duas vezes possessão de Cristo: primeiro,

pela criação e, segundo, pela redenção, por meio de Seu sangue.

É como escreve Paulo: “*Vocês não são de si mesmos. Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês*” (1Co 6:19, 20, NVI).

Sim, Paulo nos exorta a fazer tudo para a glória de Deus. “Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31, NVI). Mas não é apenas com o que comemos ou bebemos que devemos glorificar a Deus. Em pelo menos três ocasiões, Paulo fala sobre o corpo humano como o templo de Deus e que Seu Espírito habita nesse templo (1Co 3:16; 6:19; 2Co 6:16). Todos os nossos comportamentos e atitudes, incluindo nossos hábitos de saúde, devem render homenagem a Deus, pois fomos comprados por alto preço – Seu sangue.

Princípios de saúde

Desde a Criação, Deus tem demonstrado interesse pela saúde de Seu povo. Ele criou um ambiente magnífico para garantir o bem-estar de Suas criaturas e forneceu uma dieta nutritiva, ar fresco, água pura e oportunidades para exercícios enquanto nossos pais cuidavam do jardim. Ele também cuidava da saúde espiritual de Adão e Eva ao caminhar e conversar com eles no frescor da noite.

Desde o início, espiritualidade e saúde estão interligadas. A Terra saiu das mãos do Criador pronta para ser o lar das criaturas planejadas por Ele. Mesmo depois da queda, do dilúvio e do cativeiro, Deus demonstrou que Se preocupava com Seu povo ao dar-lhes diretrizes específicas com relação à saúde.



De fato, já no início do Antigo Testamento, Deus achou por bem dar instruções ao Seu povo sobre uma vida saudável, incluindo dieta, higiene e comportamento sexual. Essas instruções deviam ser preventivas e distintas, e protegiam o povo de muitas das doenças que assolavam os egípcios.

Enquanto Jesus esteve na Terra, Ele curou doenças físicas e mentais, ligando o perdão dos pecados com o bem-estar e a vida abundante, com ênfase clara na saúde emocional, bem como na saúde mental.

Deus também deu instruções ampliadas por meio dos conselhos de Ellen G. White. Ao longo de sua vida, ela foi o canal de informação que moldou a filosofia de saúde e a espiritualidade da Igreja Adventista.

Ensinando os princípios de saúde, mantende diante do povo o

grande objetivo da reforma — que seu desígnio é assegurar o mais alto desenvolvimento do corpo, da mente e da alma. Mostrai que as leis da natureza, sendo as Leis de Deus, são designadas para nosso bem; que a obediência às mesmas promove a felicidade nesta vida, e contribui no preparo para a vida por vir.¹

Nosso primeiro dever para com Deus e os nossos semelhantes é o do desenvolvimento próprio. Cada faculdade com a qual o Criador nos dotou deve ser cultivada no mais alto grau de perfeição, a fim de que sejamos capazes de realizar a maior soma de bem que nos seja possível. Por isso que, o tempo dispendido no estabelecimento e preservação da saúde é um tempo bem aproveitado.²

Mordomia e saúde

A visão dada em junho de 1863 a Ellen G. White revelou que é um dever espiritual cuidar do templo do corpo, confirmando a integração holística de corpo, mente e espírito. Descanso, luz solar, alimentação equilibrada, confiança em Deus, exercícios, temperança, beber água e respirar ar puro são elementos que mantêm a integridade equilibrada. O propósito principal de cuidar de nossa saúde é nos capacitarmos para servir a Deus e ao próximo. Como resultado, teremos uma saúde melhor. No entanto, somos salvos para servir.

A questão é clara: a mordomia inclui cuidar de nossa saúde!

É fascinante notar que, com sua visão profética, Ellen G. White falou sobre muitos assuntos, os quais a ciência médica agora demonstra serem corretos. A revista Time, em sua edição de 28 de outubro de 1966,³ relatou os resultados positivos do primeiro Adventist Health Study (Estudo Sobre a Saúde dos Adventistas, em tradução livre), descrevendo os resultados como a "Vantagem dos Adventistas". Essa vantagem incluía uma redução na incidência da maioria dos cânceres e da cirrose hepática. Estudos subsequentes mostraram um aumento significativo na longevidade daqueles que vivem o estilo de vida adventista. Os resultados dos estudos de acompanhamento e análises estatísticas têm sido tão convincentes que o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos destinou quase U\$20 milhões para a realização do Adventist Health Study-2.

Resumindo, a literatura científica está repleta dos benefícios que advêm de um estilo de vida saudável baseado nas



leis da natureza – o estilo de vida que Ellen G. White promoveu com tanto entusiasmo.⁴

Incluídos nessas leis da natureza estão não apenas a dieta, mas também os exercícios e o descanso, que ela promoveu como parte de nossa mordomia da saúde. Por exemplo, comprovou-se que os exercícios reduzem a pressão alta e ajudam a prevenir a doença arterial cor-

onariana, o derrame, o diabetes tipo 2 e a osteoporose. Mesmo os exercícios moderados (não precisamos correr maratonas) podem controlar o nível de gordura no sangue, retardar o início da doença de Alzheimer, além de ajudar a diminuir a recorrência de alguns tipos de câncer e a aliviar a depressão.

Tão importante quanto o exercício é o descanso. Como estamos no que diz

respeito ao descanso? Estamos separando um tempo para nos recuperarmos de nossas atividades? Se vivêssemos com mais consciência sobre a administração da saúde, seríamos ferramentas mais eficazes nas mãos do Mestre. A Mensagem de Eugene Petersen resume muito bem essa questão: “Exercitar-se numa academia é útil, mas a vida disciplinada em Deus é mais proveitosa e deixa você em forma hoje e para sempre” (1Tm 4: 8, Bíblia A Mensagem).

Empregadas domésticas

Max Lucado usa uma ilustração impressionante em seu livro Isto Não é Para Mim⁵. Ele descreve dois cenários dignos de um pesadelo nos quais empregadas domésticas cuidam de sua casa enquanto você está ausente. No primeiro cenário, a empregada muda a decoração da casa de forma totalmente diferente de seu gosto, argumentando que a casa precisa expressar com precisão a personalidade da empregada. Sua resposta imediata é: “A casa não é sua, senhorita!” Na segunda situação, o problema não é a decoração da casa, mas a negligência. Nenhum prato é lavado, nenhum lixo é removido, e as camas nunca são arrumadas. Motivo: o acordo era temporário.

As duas empregadas cometeram o mesmo erro: agiram como se a casa fosse delas e fizeram tudo do jeito que quiseram fazer ou deixar de fazer. Como puderam agir assim? E nós, que fomos comprados por alto preço, como podemos com tanta frequência agir como se pertencêssemos somente a nós mesmos? Deus é quem possui o templo de nossos corpos. Assim, nós, como mordomos, devemos ser fiéis e



cuidadosos com aquilo que nos foi dado como um presente.

Como nos disse o apóstolo Pedro: “Sabendo que não foi mediante coisas perecíveis, como prata ou ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil que seus pais lhes legaram, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula” (1Pe 1:18, 19).

Sim, você foi comprado por alto preço. Não com prata nem com ouro, mas com o sangue de Cristo. É hora de vivermos à altura disso. E sermos bons mordomos de nossa saúde é uma maneira poderosa de fazer exatamente isso.

Indo mais fundo

- Como o pensamento de que Deus o comprou por um preço afeta a maneira como você trata seu corpo em sua vida diária?
- Você pode identificar algumas das instruções de Ellen White para saúde e nutrição que se mostraram

corretas pela ciência moderna?

- Quão importante é a disciplina em sua vida cristã?

Peter N. Landless, M.B.,B.Ch., M.Fam.Med., MFGP(SA),FCP(SA), FACC, FASNC, é diretor do Departamento de Saúde da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

1. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP, Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 50.
2. Ellen G. White, *Conselhos sobre Saúde* (Tatuí, SP, Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 107.
3. Revista Time, “Adventists’ Advantage”, 28 de outubro de 1966.
4. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP, Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 50.
5. Max Lucado, *It’s Not About Me* (Nashville, Tenn.: Thomas Nelson, 2004).
6. Isto não é para Mim (Rio de Janeiro, RJ, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005).

Meu pacto: ESTABELEECER um novo HÁBITO SAUDÁVEL, para melhor servir ao Senhor com minha mente:



DIA IV :

Facilitadores de uma Nova Visão

Deus Primeiro ao servirmos aos outros
Lucas 18:35-43



Muitas pessoas estão sofrendo e morrendo sem ter uma esperança verdadeira. Estão confusas e desesperadas com o que estão testemunhando ao seu redor e em sua vida. Como seus olhos poderão ser abertos para a realidade do amor e da salvação de Deus? E nós, como filhos e filhas redimidos, como poderemos restaurar a visão de um mundo que tem os olhos vendados? Por meio da história de Bartimeu, o cego de Jericó, podemos refletir sobre nossa real participação na missão final de Deus. Lemos em Lucas 18:35: *“Aconteceu que, quando Jesus se aproximava de Jericó, um cego estava*

sentado à beira do caminho, pedindo esmolas”. Esse é o último milagre de Jesus relatado no Evangelho de Lucas.

Sempre que lemos essa passagem, enfocamos a fé e a perseverança de Bartimeu, o cego, e como Jesus restaurou sua visão. Quando Jesus está por perto, os cegos podem ver novamente! Nesta reflexão, porém, vamos nos concentrar no papel desempenhado pela multidão e pelos seguidores e discípulos de Jesus. Nos seguidores de Jesus, podemos identificar quatro modos de operação: o Modo Passar de Largo, o Modo Silêncio, o Modo Facilitador e o Modo Unidos em Louvor. Em que modo estou agora?

O Modo Passar de Largo

Lucas 18: 36, 37 nos diz: *“E, ouvindo o barulho da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. Anunciaram-lhe que Jesus, o Nazareno, estava passando”*. Jesus não estava sozinho nessa viagem de ida e volta a Jericó. Os discípulos estavam com Ele, e o texto nos diz que havia muitos outros em Sua comitiva. Esse círculo interno desfrutava de Seus ensinamentos, recebia Suas bênçãos e participava da fama do rabino de Nazaré, que agora estava no auge de Sua popularidade.

O cego podia apenas ouvir “o barul-

ho de uma multidão que passava”. Ele provavelmente podia ouvir o ruído de pés, o som da multidão falando e, de vez em quando, alguns aleluias e améns. Algo incomum estava acontecendo; mas nenhuma mensagem clara pôde ser ouvida por aqueles que não pertenciam ao grupo de seguidores de Jesus. Estando ali presente, Bartimeu podia ouvir muito bem a passagem da procissão, mas dificilmente poderia adivinhar o verdadeiro propósito de tudo aquilo. Ele, então, tomou a iniciativa de perguntar. Não são muitos os que têm a mesma audácia.

A Igreja Adventista está presente em mais de 200 países e na maioria das principais cidades e regiões do mundo. No entanto, é preciso que nos perguntemos: estamos passando uma mensagem clara sobre o propósito de nossa existência? As pessoas estão entendendo claramente nossa missão?

A resposta dada pelos seguidores de Jesus – “Jesus de Nazaré está passando” – revela uma mentalidade interessante. Embora fossem precisos e claros ao falarem sobre o Jesus histórico, eles deixaram de revelar qual era Seu propósito e missão. Perderam a oportunidade de convidar Bartimeu para fazer parte da multidão. Qual seria a razão para isso? Eles viram em Bartimeu apenas um mendigo cego. O que ele provavelmente precisava era de uma moeda, um ou dois Reais, um pedaço de pão ou outro gesto qualquer de caridade. Eles foram incapazes de perceber o desejo de Bartimeu por algo mais profundo.

No entanto, a resposta de Bartimeu indica sua verdadeira necessidade: “Jesus, Filho de Davi, tenha compaixão de mim!” Para ele, Jesus era o Filho de Davi. O título Filho de Davi era uma

saudação messiânica. Josefo, o historiador judeu, nos conta que, no judaísmo, acreditava-se que o Filho de Davi tinha grande poder para curar. Bartimeu não estava à procura de informações sobre Jesus. O que ele mais desejava era uma intervenção de Jesus em sua vida.

Aqueles que estão no Modo Passar de Largo se equivocam quanto à real necessidade das pessoas ao seu redor. Seria lamentável se estivéssemos nos limitando apenas a falar para as pessoas sobre quem são os adventistas e no que eles acreditam e suprimindo algumas de suas necessidades básicas quando o que elas realmente buscam é um Salvador e uma nova visão.

O Modo Silêncio

Em reação aos gritos de Bartimeu pedindo ajuda, alguns dos seguidores de Jesus adotaram outro modo. Lemos no versículo 39: “E os que iam na frente o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: – Filho de Davi, tenha compaixão de mim!” Esse é o Modo Silêncio. Note que os que estavam na frente repreenderam Bartimeu. Eles ativaram o Modo Silêncio porque não entendiam direito qual era sua responsabilidade nem o papel de Jesus.

Tal como os batedores fazem antes da passagem de certas autoridades, os que vinham na frente da multidão acreditavam que sua responsabilidade era abrir o caminho, removendo qualquer obstrução para que a passagem de Jesus ocorresse sem incidentes. Bartimeu foi visto como um obstáculo; por isso, ele tinha que ser silenciado e afastado dali. Essa atitude contrasta com o verdadeiro papel dado aos precursores de Jesus.

João Batista foi um precursor de Jesus. Seu papel é descrito em Lucas 1:16, 17: “Ele converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado”. O papel de João era atuar como uma ponte entre as pessoas e Jesus sem afugentá-las, mas preparando-as para encontrar o Mestre.

Para eles, Bartimeu, um mendigo cego, era apenas um incômodo para o augusto Messias que estava a caminho de Jerusalém. O que eles não perceberam era que ser cego e pobre qualificava Bartimeu para receber uma atenção especial de Jesus. Eles perderam o significado do discurso inaugural de Jesus na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Ele Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e proclamar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18). Jesus veio para os cegos, os pobres, os destituídos e os pecadores.

Infelizmente, o Modo Silêncio é muito popular entre os cristãos, ainda hoje. Ele entra em ação sempre que nossas palavras, ações e atitudes mantêm as pessoas distantes de Jesus e de Sua igreja. Cada vez que interferimos, mental ou concretamente, na salvação de alguém, estamos operando no Modo Silêncio. Deus nos livre disso!

O Modo Facilitador

A Bíblia diz que Jesus, consciente das reações de Seus seguidores, “parou e mandou que trouxessem o cego” (Lc

18:40). Jesus ordenou uma mudança de modo. Em vez dos modos Passar de Largo ou Silêncio, Seus seguidores deviam adotar o Modo Facilitador. Não era uma sugestão, mas uma ordem. Naquela ordem havia um convite para compartilhar as bênçãos com outras pessoas.

Os que assumem o Modo Facilitador não são a fonte de bênção. O papel deles é ser um canal para a verdadeira Fonte – Jesus. No entanto, para que o papel dos seguidores de Jesus tivesse algum significado, eles tiveram que se aproximar de Bartimeu, falar do convite de Jesus, segurá-lo pelo braço, guiar seus passos, afastar a multidão do seu caminho e levá-lo até Jesus. Era um processo complexo! No Espírito de Profecia, ouvimos uma instrução semelhante para a igreja de Cristo nos últimos dias:

Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus como um povo peculiar, separado do mundo. Com a grande talhadeira da verdade Ele os cortou da pedreira do mundo, e os ligou a Si. Tornou-os representantes Seus, e os chamou para serem embaixadores Seus na obra final de salvação. O maior tesouro da verdade já confiado a mortais, as mais solenes e terríveis advertências que Deus já enviou aos homens, foram confiadas a este povo, a fim de serem transmitidas ao mundo (Testemunhos para a Igreja, v. 7, p. 138).

A COVID-19 se colocou em nosso caminho, e agora todos estão falando do “novo normal”. No entanto, nossa maior e mais importante responsabilidade – a de levar as pessoas a Jesus e à Sua Igreja – não mudou. Ela é ainda mais relevante agora do que antes.



Estaremos confundindo distanciamento social com um abandono da linha de frente da missão?

O Modo Unidos em Louvor

Como resultado do envolvimento no Modo Facilitador, os seguidores de Jesus passam para o “Modo Unidos em Louvor”. Lemos no versículo 43: *“Imediatamente ele passou a ver de novo e seguia Jesus, glorificando a Deus. Também todo o povo, vendo isto, dava louvores a Deus”*. O ex-cego e as demais pessoas se uniram em adoração.

Deus estabeleceu Sua igreja dos últimos dias como uma comunidade chamada para louvá-Lo (Ap 1:6). Uma igreja que não louva não está funcionando em harmonia com o desígnio de Deus. O Modo Unidos em Louvor é acionado por aquilo que vemos Jesus fazer em nossa vida e na vida de outras pessoas. A adoração e o louvor autênticos são resultado do testemunho do poder e do amor de Deus. Quanto mais vemos, mais louvamos. Uma igreja missionária está em melhores condições para funcionar no Modo Unidos em Louvor.

A crise atual enfraqueceu a união

física da igreja. As igrejas fechadas por causa da pandemia levaram muitos a se contentar com expressões privadas de espiritualidade, separados de outros crentes. Ouvimos um bom sermão em um canal do YouTube, desfrutamos de um momento de louvor e de cânticos em outro canal e lemos um blog de outro site para inspiração diária. Estamos constantemente navegando pela web em busca de novidades. Não há nada de errado em desfrutar da riqueza da igreja de Deus por meio dessas múltiplas produções e ministérios, mas é perigoso quando isso é feito às custas de nosso apego a uma comunidade da igreja. Estas palavras inspiradas de Paulo permanecem válidas hoje: “Cuidemos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras. Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos admoestações, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima” (Hb 10:24-25). Deus criou Seus filhos para fazer parte da comunidade da igreja local, ser por ela abençoados e uma bênção para ela, seja pessoalmente ou on-line. A COVID-19 não é o fim da igreja de Deus. Lembremo-nos destas palavras de Jesus: “Sobre esta pedra



edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18).

Conclusão

Como facilitadores da graça de Deus, estamos prestes a participar do louvor final: “Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo. Por isso, todas as nações virão e se

prostrarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos” (Ap 15:3, 4). Que nossa escolha seja não permanecer nos modos passar de largo ou do silêncio.

Indo mais fundo

- Compartilhe uma experiência de ter ajudado alguém a abraçar uma nova visão para a vida.
- Como podemos operar no Modo Facilitador durante essa fase de distanciamento social?

- Você gostaria de levar alguém a Jesus? Diga o nome dessa pessoa para que intercedamos por ela.

Meu pactor: OFERECER um dia (ou noite) cada semana para TRABALHAR para Deus, espalhando as boas novas a outros através de Estudos Bíblicos, Pequenos Grupos, etc. (“Meu Talento, Meu Ministério”).

DIA V

Primeiro Deus ao guardarmos o sábado

O Dia de Colocarmos Deus em Primeiro Lugar
Lucas 6:6-10

Como o sábado está relacionado ao princípio de Primeiro Deus? Deus declara, no livro do profeta Ezequiel: “Santifiquem os Meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vocês, para que saibam que Eu sou o Senhor, seu Deus” (Ez 20:20). Essas palavras revelam que a observância do sábado é uma declaração do governo de Deus sobre nossa vida. Da mesma forma, a atitude de Jesus em relação ao sábado nos faz lembrar que devemos colocar Deus em primeiro lugar. Nesta reflexão, consideraremos a história narrada em Lucas 6:6-10 para aprender mais sobre como guardar o sábado e colocar Deus em primeiro lugar.

Cultivando a mentalidade de “Primeiro Deus”

O relato desse milagre começa com as palavras: “Em outro sábado”. Os evangelhos fazem referências regulares aos atos de Jesus durante o dia de

sábado – do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado. Neste capítulo, Lucas, o historiador, juntou dois eventos relacionados ao sábado. O primeiro diz respeito aos discípulos colhendo grãos

do campo, no sábado, para comer. Os fariseus os acusavam de violar a lei. Em resposta, Jesus justificou suas ações e declarou-Se como o Senhor do sábado (Lc 6:3, 4; Mc 2:27, 28; Mt 12:5, 6). O segundo evento é o relato de um dos milagres de Jesus realizado durante o sábado. Por que o sábado recebe tanto destaque nos evangelhos?

Em contraste com festivais como a Páscoa, Tabernáculos e Purim, a celebração do sábado não era a comemoração de um evento importante na história de Israel. Era – e ainda é – o memorial semanal do ato da criação: Deus criou tudo. Tudo passou a existir por meio da intervenção inicial de Deus no universo. Como tal, esse dia é um lembrete constante de que Deus ocupa o primeiro lugar e de que Ele é o provedor. Sem dúvida, a observância semanal do sábado ajudou Jesus a manter um entendimento claro de Sua afiliação com



o Pai, conforme expresso nas palavras: “O Pai ama o Filho e entregou todas as coisas nas mãos Dele” (Jo 3:35). O Pai é o proprietário-provedor e o Filho atua como Seu gerente.

Ellen White escreveu estas palavras sobre o propósito principal do sábado:

Nenhuma outra das instituições dadas aos judeus tendia a distingui-los tão completamente das nações circunvizinhas, como o sábado. Era intenção do Senhor que sua observância os designasse como adoradores Seus. Seria um sinal de sua separação da idolatria, e ligação com o verdadeiro Deus (O Desejado de Todas as Nações, p. 193).

A existência humana se desdobra em dois planos: tempo e espaço. Adão foi criado no sexto dia (tempo) e colocado em um jardim (espaço). Como seres vivos, não apenas ocupamos espaço, mas estamos constantemente modificando o mundo material ao nosso redor. Este é, de fato, o desígnio de Deus para a humanidade (Gn 2:15). No entanto, esse esforço apresenta o risco de esquecermos que temos uma relação com o Criador e que somos dependentes Dele. Muitos acabam adquirindo uma mentalidade puramente materialista. Para evitar esse resultado, Deus estabeleceu o primeiro dia completo de existência do homem não como um dia de trabalho, mas como um dia de descanso. Ao guardar o sábado, Jesus exemplificou a perspectiva que devemos adotar com relação às ações: “Eu nada posso fazer por Mim mesmo” (Jo 5:30). O sábado nos ajuda a lembrar que não somos nós



que sustentamos o mundo e nossa existência. A guarda do sábado é essencial para que desenvolvamos a mentalidade de Primeiro Primeiro.

Primeiro Deus na adoração congregacional

Naquele sábado, Jesus “entrou na sinagoga” – literalmente o local da assembleia – e passou a “ensinar”. A sinagoga desempenhou um papel importante no ministério terreno de Jesus. Mais de 10 vezes, os evangelhos associam o ministério de Jesus à sinagoga. A reunião de crentes em pequenos grupos de oração, sem o oferecimento de sacrifícios, remonta à época de Salomão. No entanto, as sinagogas foram formalmente organizadas durante o exílio na Babilônia, após a destruição do templo de Jerusalém. Elas passaram a

ser fundamentais para a vida social e religiosa das comunidades judaicas locais. Serviam como escolas, centros comunitários, locais de reunião, tribunais e locais de oração e estudo. No sábado, o espaço era restrito ao culto e às leituras das Escrituras. Várias orações (bênçãos e homenagens póstumas) faziam parte dos cultos de sábado. O elemento de instrução é encontrado nas leituras do Pentateuco (os cinco livros de Moisés), nos escritos dos profetas e em um breve sermão. Naquele dia, Jesus foi convidado a fazer uma parte das leituras ou a apresentar o sermão.

Adorar e ouvir a Palavra de Deus são as duas atividades fundamentais daqueles que colocam Deus em primeiro lugar. Quando adoramos, reconhecemos quem é Deus, e quando estudamos Sua

Palavra, nos submetemos às Suas instruções. Os cultos de sábado fornecem o espaço para os crentes passarem por essa experiência.

Jesus nos ajuda a entender que o

é no sábado que uma experiência espiritual corporativa está ao nosso alcance. Quando os crentes se reúnem como uma família, juntos, eles reconhecem sua afiliação a um Deus e um Salvador. Duas práticas infelizmente estão se tor-

gosto. Dessa maneira, a experiência de adoração é planejada de modo a satisfazer preferências pessoais em detrimento de fazer parte de uma assembleia de crentes, como exemplificado nas experiências de Jesus na sinagoga.



descanso sabático não é equivalente a um dia de inatividade, apenas. Além de cultivar em nós a mentalidade de descansar no Senhor, o descanso sabático provê o tempo para a adoração e o estudo da obra de Deus. Nós nos libertamos das agitadas atividades da semana e nos envolvemos naquelas que são mais edificantes. O propósito final do sábado não é dar descanso para nossos músculos cansados ou termos um dia para não fazer nada. O propósito do sábado é aumentar a possibilidade de adorarmos a Deus e ouvirmos Sua palavra. Durante a semana, podemos desfrutar desses exercícios espirituais pessoalmente e com nossa família, mas

nando uma tendência entre o povo de Deus durante este tempo de pandemia e distanciamento social. Primeiro, alguns são tentados a usar as horas do sábado para longas caminhadas em meio à natureza, em vez de participarem da adoração corporativa, pessoalmente ou on-line. A natureza é, de fato, o segundo livro de Deus, mas não é plano Dele que uma caminhada pela natureza seja um substituto para a adoração coletiva, mas, sim, um complemento dela. Outra prática é a da “igreja bufê”: os crentes estão pulando de um site para outro em busca de um professor da Escola Sabatina, de um líder de louvor ou de um pregador de acordo com seu

De acordo com o apóstolo Paulo, os ministérios são estabelecidos por Cristo “para a edificação do corpo de Cristo”, e não para incentivar cristãos individualmente (Ef 4: 11-12).

Primeiro Deus no serviço aos outros

Tanto no tanque de Betesda quanto naquela sinagoga, Jesus usou as horas do sábado para suprir as necessidades daqueles que se encontravam vulneráveis. Em resposta ao ataque dos fariseus, Ele fez esta pergunta retórica: “É lícito no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou deixar que se perca?” (Lc 6:9). Como esses atos de

Josanan Alves



PRIMEIRO O REINO

**Como uma pobre viúva nos ensina
os princípios da verdadeira adoração**

serviço, compaixão e cura demonstram o princípio do Primeiro Deus?

Durante os dias úteis da semana, de domingo a sexta-feira, trabalhamos e desfrutamos do resultado de nosso trabalho. A natureza do trabalho feito no sábado tem duas características diferentes. A primeira é que, no sétimo dia, trabalhamos exclusivamente em prol do interesse dos outros. O eu é negado. Em seu livro, *The Sabbath (O Sábado)*, Abraham Heschel fala sobre a natureza altruísta das atividades nas horas do Shabat: “Existe uma esfera do tempo onde o objetivo não é ter, mas ser; não possuir, mas dar; não controlar, mas compartilhar; não subjugar, mas estar de acordo”.

A segunda característica é que nosso serviço aos necessitados equivale ao serviço a Deus. O sábio declara que “Quem se compadece do pobre empresta ao Senhor” (Pv 19:17) e Jesus menciona que “sempre que o fizeram a um destes Meus pequeninos irmãos, foi a Mim que o fizeram” (Mt 25:40). Todos os atos de benevolência são, em última análise, dirigidos a Deus. O sábado é o dia de Primeiro Deus por excelência porque neste dia negamos a nós mesmos e servimos a Deus por meio do serviço aos outros.

O pecado e suas consequências desfiguraram e mancharam a imagem de Deus nos seres humanos. Cada vez que trabalhamos para melhorar as condições de vida dos outros, estamos restauran-

do a imagem de Deus na humanidade. Ellen G. White transmite essa ideia em seus escritos:

“Toda religião falsa ensina seus adeptos a serem descuidosos para com as necessidades, sofrimentos e direitos humanos. O evangelho

adotarem essa filosofia de vida. Quando as horas do sábado são investidas em adoração corporativa, estudo da Bíblia e ministério altruísta, o sétimo dia se torna o dia mais gratificante da semana, um deleite para os observadores do sábado.



dá alto valor à humanidade, como resgate do sangue de Cristo, e ensina uma terna solicitude pelas necessidades e misérias do homem” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 196).

Qualquer forma de ministério de restauração ajuda os beneficiários e observadores a apreciar o amor e o poder de Deus. Isso leva mais pessoas a colocar em Deus em primeiro lugar.

Conclusão

A maneira como Jesus guardou o sábado ajuda a cultivar a mentalidade do Primeiro Deus, a praticar os princípios do Primeiro Deus e a influenciar outros a

Indo mais fundo

- O que está impedindo que você experimente o sábado como o dia do Primeiro Deus?
- De que maneiras você gostaria de enriquecer sua experiência sabática?
- Há alguém enfrentando algum tipo de dificuldade ou perseguições por guardar o sábado? Diga o nome dessa pessoa para que oremos por ela.

Meu pacto: GUARDAR o SÁBADO, preparando-me devidamente para ele na sexta-feira, respeitando seus limites e mantendo pensamentos e atividades apropriados.

A photograph of a man with a shaved head, wearing a red t-shirt, sitting outdoors. He is leaning forward, holding a brown leather-bound book with both hands, and resting his forehead against the top edge of the book. The background is a soft-focus green landscape with sunlight filtering through the trees.

DIA VI :

O Melhor Negócio da Vida

Primeiro Deus por meio da prática do dízimo

Lucas 20:9-19

A parábola dos trabalhadores da vinha é encontrada nos evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos, com algumas pequenas variações em cada Evangelho. Em Lucas, a parábola serve como uma resposta imediata a uma discussão que Jesus teve com os principais sacerdotes, os mestres da lei e os anciãos sobre a fonte de Sua autoridade: “Diga-nos com que autoridade Você faz estas coisas?”, disseram eles. E insistiram: “Quem Lhe deu esta autoridade?” (Lc 20: 2). Jesus usa a parábola dos trabalhadores da vinha para dar mais detalhes sobre a fonte de Sua autoridade, a rejeição de Sua autoridade e o resultado infeliz. A história é sobre o grande negócio que Deus faz com a humanidade e sobre

Suas expectativas quanto aos beneficiários desse grande negócio. Nós somos abençoados. Como devemos responder a uma bênção tão grande?

Um excelente negócio

A parábola começa com uma transação entre um rico proprietário de terras e um grupo de lavradores. Depois de plantar sua vinha, ele “arrendou-a para uns lavradores” e se mudou dali por um longo tempo (Lc 20: 9). Aquele foi um ótimo negócio para os arrendatários, pois eles não precisaram dar nenhuma entrada nem tiveram que pagar prestações. Eles entraram no negócio sem nenhum dinheiro. Além disso, deveriam dar apenas uma parte da colheita



ao proprietário. Caso não colhessem nada, ou se a colheita fosse ruim, o proprietário também perderia em seu investimento. O risco foi dividido com aqueles lavradores. Ninguém foi forçado a fazer o negócio; a transação foi feita com base na confiança. Sem dúvida, foi o melhor negócio da vida deles!

O texto bíblico nos ajuda a compreender o resultado imediato dessa parábola: *“Naquela mesma hora, os escribas e os principais sacerdotes procuravam prender Jesus, porque entenderam que Ele havia contado essa parábola contra eles; mas temiam o povo”* (Lc 20:19). Aqueles líderes religiosos acharam que Jesus estava fazendo um retrato deles ao utilizar as figuras dos lavradores que fizeram um acordo com o proprietário. Deus fez uma aliança com Israel e seus líderes; por meio dela, Israel se tornou o recipiente das abundantes bênçãos celestiais. Em troca, Deus esperava que eles O reconhecessem como proprietário, dando frutos de gratidão e lealdade na

proporção das bênçãos recebidas. O melhor negócio da vida!

Ellen G. White expandiu a aplicação dessa parábola:

“A parábola da vinha não se aplica somente à nação judaica. Ela tem uma lição para nós. À igreja desta geração Deus concedeu grandes privilégios e bênçãos, e espera os frutos correspondentes” (*Parábolas de Jesus*, p. 157).

De muitas formas, o Senhor nos deu múltiplas bênçãos e, como o dono de tudo, Ele espera que O reconheçamos como proprietário.

Entre as muitas coisas que recebemos de Deus, Deuteronômio 8:18 menciona uma que é universal: *“Lembrem-se do Senhor, seu Deus, porque é Ele quem lhes dá força para conseguir riquezas; para confirmar a Sua aliança, que, sob juramento, prometeu aos pais de vocês, como hoje se vê”*. A natureza e a quantidade de riquezas produzida por uma ou outra

pessoa podem variar, mas a todos Ele dá “força para conseguir riquezas”. Em troca, Ele simplesmente nos convida a lembrar-nos Dele como o Proprietário e Provedor. De acordo com Ellen G. White,;

“Cristo anseia receber de Sua vinha os frutos da santidade e desinteresse. Espera os princípios de amor e benignidade” (*Parábolas de Jesus*, p. 158).

Um meio de honrar nossa parte no acordo é devolver a Deus uma parte das bênçãos recebidas por meio do dízimo: *“Quanto aos dízimos do gado e do rebanho, de tudo o que passar debaixo do bordão do pastor, o dízimo será santo ao Senhor”* (Lv 27:32). A mensageira do Senhor escreveu estas palavras:

“[O Senhor] pede que O reconheçamos como o Doador de todas as coisas; e, por essa razão, diz: De todas as vossas posses reserva a décima parte para Mim, além das dádivas e ofertas, que devem ser

trazidas à casa do Meu tesouro” (Conselhos Sobre Mordomia, p. 39, ênfase acrescentada).

Ela também traça um paralelo entre nossa responsabilidade e o antigo Israel:

Na dispensação judaica as dádivas e oferendas formavam uma parte essencial do culto a Deus. Os israelitas eram ensinados a consagrar ao serviço do santuário o dízimo de toda renda. Além disso deviam trazer ofertas expiatórias, ofertas voluntárias e ofertas de gratidão. Esses eram os meios para sustentar o ministério do evangelho naquele tempo. Deus não espera menos de nós do que do povo antigamente (*Parábolas de Jesus*, p. 159).

Existe outro paralelo marcante entre a parábola dos trabalhadores da vinha e a prática do dízimo: Deus participa do risco. Mesmo que o décimo animal que passasse sob a vara do pastor fosse coxo e fraco, Deus não exigia que ele fosse substituído.

Acordo quebrado

Ao arrendar sua vinha para o grupo de lavradores, o proprietário estava fazendo a promessa implícita de que a terra produziria uma boa safra. E foi isso que aconteceu quando chegou a época da colheita. Os lavradores se alegraram com a colheita abundante até o dia em que receberam a visita de alguns servos do proprietário da vinha. Teriam eles se esquecido do acordo? Ou esperavam que o proprietário tivesse se esquecido do arranjo inicial? Seja como for, eles decidiram não honrar o acordo. Duas vezes os criados vieram pedir o que era devido ao dono, e duas vezes



os lavradores os mandaram embora de mãos vazias (v. 10, 11). Como se não bastasse, os lavradores ficaram nervosos com a advertência do proprietário e maltrataram os servos. Eles espancaram primeiro; espancaram e insultaram o segundo; feriram e expulsaram o terceiro. Resultado: o negócio foi desfeito.

Curiosamente, o proprietário decidiu ser mais paciente com aqueles arrendatários ingratos, enviando um servo após outro, mas sem resultado. Finalmente, ele enviou seu filho amado: “Então o dono da vinha disse: ‘Que farei? Enviarei o meu filho amado; talvez o respeitem’” (Lc 20:13). O proprietário identificou o problema como falta de respeito. Infelizmente, o destino do filho seria o pior possível: “Mas, quando os lavradores viram o filho, começaram a discutir entre si: ‘Este é o herdeiro; vamos matá-lo, para que a herança seja nossa’. E, lançando-o fora da vinha, o mataram” (Lc 20:14,15). Essa reação final revela a verdadeira intenção dos arrendatários. Não se tratava apenas de dar uma parte da colheita ao dono, mas de substituir o verdadeiro dono. Eles não queriam estar sob a autoridade do proprietário, mas sob sua própria autoridade. Não dividir

o resultado da colheita era apenas uma expressão externa desse motivo interno.

A história do antigo Israel testemunha como os israelitas maltrataram os diferentes mensageiros enviados por Deus ao longo do tempo. Eles negaram a soberania de Deus sobre Sua vinha, Israel. Na época em que Jesus contou a parábola, já havia tramas para eliminar o Filho amado para que os líderes judeus pudessem permanecer no poder. Podemos nós, cristãos, deixar de cumprir nossa parte do acordo, isto é, a aliança?

Um texto do profeta Malaquias pode nos ajudar a responder a essa pergunta. Lemos em Malaquias 1:6: “O filho honra o pai, e o servo respeita o seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo?” Aqui, Deus está repreendendo Seus filhos por não honrá-Lo nem mostrar respeito por quem Ele é. A conversa entre Deus e os líderes de Israel continua a indicar como o desrespeito se manifesta:

Eu, o Senhor dos Exércitos, pergunto isso a vocês, sacerdotes que desprezam o Meu nome. Mas vocês perguntam: “Como desprezamos o Teu nome?” Vocês

oferecem pão impuro sobre o Meu altar e ainda perguntam: “Em que Te havemos profanado?” Nisso de pensarem que a mesa do Senhor pode ser desprezada. Quando vocês oferecem em sacrifício um animal cego, será que isso não está errado? E, quando trazem um animal coxo ou doente, será que isso não está errado? Ora, experimentem oferecer um animal desses ao seu governador! Será que ele se agrada de vocês ou será favorável a vocês? — diz o Senhor dos Exércitos (Ml 1:6b-8).

O desrespeito à autoridade de Deus fica evidente por aquilo que eles não estavam devolvendo a Deus, conforme mencionado em Malaquias 3:8-9: “Será que alguém pode roubar a Deus? Mas vocês estão Me roubando e ainda perguntam: ‘Em que Te roubamos?’ Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição vocês são amaldiçoados, porque estão Me roubando, vocês, a nação toda”.

Podemos quebrar o acordo – a aliança entre nós e Deus, o provedor da “força para conseguir riquezas” – não devolvendo nenhum dízimo, não devolvendo o dízimo de todas as coisas, não devolvendo a porcentagem apropriada, não enviando o dízimo ao lugar apropriado e não usando o dízimo da maneira apropriada.

Um resultado terrível

Vamos voltar à parábola para entender a gravidade da ofensa de não cumprir nossa parte do acordo. Jesus encerrou a parábola com as seguintes palavras: “E, lançando-o fora da vinha, o mataram. — Que lhes fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e entregará a vinha a outros. Ao ouvir isto, disseram: — Que tal não aconteça!” (Lc 20:15-16). O proprietário deixaria de confiar neles, e

eles sofreriam o castigo supremo.

Não seria esse o resultado se não devolvêssemos o dízimo de Deus sobre o aumento de nossa renda? Afinal, Ele fez a seguinte declaração em Salmo 50:9-12:

Não aceitarei novilhos da sua casa, nem bodes dos seus apriscos. Pois são Meus todos os animais do bosque e o gado aos milhares sobre as montanhas. Conheço todas as aves dos montes, e são Meus todos os animais que vivem no campo. Se Eu tivesse fome, não teria necessidade de dizê-lo a você, pois Meu é o mundo e a sua plenitude.

Deus não precisa de nossos recursos, sejam pequenos ou grandes. Mas algo maior está em jogo, isto é, honrar e respeitar Sua autoridade como proprietário e senhor de tudo. Foi esse o cerne do erro desses agricultores. As palavras do apóstolo Paulo explicam a importância de reconhecer a soberania de Jesus: “Se com a boca você confessar Jesus como Senhor e em seu coração crer que Deus O ressuscitou dentre os mortos, você será salvo” (Rm 10:9).

Ellen G. White estabelece a relação entre devolver o dízimo e reconhecer Jesus:

“Os dízimos e ofertas trazidos a Deus são um reconhecimento do direito que Deus tem sobre nós pela criação, bem como o reconhecimento desse mesmo direito que a Ele assiste pela nossa redenção. Pelo fato de que tudo que temos e somos provêm de Cristo, tais ofertas devem reverter de nós para Ele. Devem lembrar-nos sempre o direito que a Deus confere

a nossa redenção, o maior de todos os direitos, e que inclui todos os demais” (Testemunhos para a Igreja, v. 6, p. 479, ênfase acrescentada).

Devolver o dízimo é muito mais do que uma transação financeira; é uma expressão de fidelidade ao senhorio de Jesus, que recebeu tudo do Pai.

Conclusão

Aquele que prometeu nos dar “força para conseguir riquezas” não mudou de ideia. Ele é fiel. Esse é o melhor negócio de todos os tempos. Durante esta Semana de Ênfase na Mordomia, Ele nos lembra de Sua afirmação com paciência e amor. É verdade que lembretes sobre nossa responsabilidade financeira podem nos aborrecer, como aconteceu com os arrendadores da parábola. Reflitamos sobre nossas reações. Algo muito maior do que recursos financeiros está envolvido, a saber: é minha escolha colocar Deus em primeiro lugar?

Indo mais fundo

- Compartilhe sobre a fidelidade de Deus em sua vida no que diz respeito à Sua promessa: Eu te dou a “força para conseguir riquezas”.
- Quais são as dificuldades que encontramos para cumprir nossa parte no acordo?
- Você gostaria que o grupo intercedesse por você diante da escolha que fez de respeitar a Jesus como proprietário, provedor e senhor?

Meu pacto: DEVOLVER FIELMENTE o DÍZIMO ao Senhor (10% da minha renda).



DIA VII :

Generosos Mesmo no Sofrimento

*Primeiro Deus mediante as
ofertas de sacrifício
Lucas 21:1-4*

Alguém reagiu da seguinte maneira a um post no Facebook que incentivava a doação: “Por que devemos continuar convidando as pessoas a doar sendo que elas já estão sofrendo como toda essa crise???” Essas palavras podem desequilibrar o mais entusiasta diretor de mordomia. Os apelos para doar são apropriados neste momento de crise? Os comentários de Jesus sobre as dádivas de uma viúva pobre, registrados em

Lucas 21:1-4, trazem uma melhor compreensão do tema da doação religiosa quando as circunstâncias da vida são difíceis.

Ofertas durante uma crise

Lucas escreve sobre as observações de Jesus a respeito das dádivas de alguns adoradores no templo de Jerusalém: “Jesus estava observando e viu os ricos que lançavam seu dinheiro na caixa de ofertas. Viu também certa viúva pobre

lançar ali duas pequenas moedas. Então Jesus disse: — Em verdade lhes digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos esses deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento” (Lc 21:1-4).

Nessa passagem, as aparências exteriores dos adoradores revelam suas condições financeiras. Alguns eram ricos, enquanto aquela viúva era muito pobre. De acordo com Ellen G. White,

a situação financeira dessa viúva poderia ter levado alguns observadores a desencorajar sua liberalidade:

“Muitos tê-la-iam aconselhado a guardar seu escasso recurso para o próprio uso; dado às mãos dos bem nutridos sacerdotes, perder-se-ia de vista entre os muitos custosos dons levados ao tesouro” (*Desejado de Todas as Nações*, 432).

Em contraste, Jesus não questionou a relevância ou o valor da dádiva da viúva pobre. Para Ele, era normal que adoradores ricos e pobres incluíssem uma oferta em sua adoração. A participação nas ofertas não é algo exclusivamente para os ricos nem para os tempos de abundância. No passado, Deus havia enviado o profeta Elias para pedir comida a outra viúva da Bíblia, cujos recursos se limitavam ao azeite e à farinha com os quais ela prepararia a última refeição para ela e seu filho.

Em várias de suas cartas, o apóstolo Paulo apela por fundos para ajudar a igreja de Jerusalém (Rm 15:25-28; 1Co 16:1-4; 2Co 8, 9). O contexto era o de uma fome global em todo o Império Romano (At 11:27-30). Duas passagens dos escritos de Paulo revelam que até os que foram convidados a participar estavam passando por uma “angustiosa situação” (1Co 7:26) e estavam sob “severa tribulação” (2Co 8:2, NVI). O apóstolo Paulo elogiaria os macedônios da mesma forma que Jesus elogiou viúva pobre: “No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam. Por iniciativa própria eles nos suplicaram insistentemente o privilégio



de participar da assistência aos santos” (2Co 8:2-4, NVI). É claro que Deus não pretende dar apenas para os membros ricos, mas para todos os crentes.

Uma dádiva com sacrifício

Jesus fez uma avaliação interessante sobre a dádiva da viúva: “Esta viúva pobre deu mais do que todos”. A avaliação de Jesus não estava fundamentada no valor monetário das duas moedas de cobre. Jesus olhou para o espírito de sacrifício e confiança manifestado pela viúva; ela deu “todo o seu sustento”. Ao comparar as dádivas apresentadas pelos doadores ricos com o dinheiro dado pela viúva, Ellen G. White escreveu estas palavras:

“Seus grandes donativos não os privaram de nenhum conforto, nem mesmo do luxo; não tinham exigido nenhum sacrifício que

pudesse ser comparado, em valor, com as moedas da viúva”. (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 433). Ela também escreveu: “Foi esse espírito abnegado e essa infantil fé que atraiu o louvor do Senhor” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 433).

O real valor da oferta da viúva não foi visto pela quantia ofertada, mas pelo que havia sobrado depois que ela doou e pelo grau de sua fé.

Não é apropriado pensar que a Bíblia incentiva a doação simbólica de uma quantia (ou qualidade) qualquer como oferta. Lemos em Deuteronômio 15:21: “Se um desses animais tiver algum defeito, se for coxo, ou cego, ou tiver outro defeito grave, não o sacrifiquem ao Senhor, seu Deus”. Nossas ofertas devem representar o melhor que podemos custear.

Além disso, a Bíblia fornece um ponto de referência para calcularmos nossas ofertas. Era costume dos israelitas trazer ofertas ao templo em Jerusalém quando compareciam aos três principais festivos. Deus lhes deu instruções claras sobre esta prática: “Cada um oferecerá na proporção em que possa dar, segundo a bênção que o Senhor, seu Deus, lhe houver concedido” (Dt 16:17). A oferta não devia ser calculada em função do que os outros doavam. O que determinava se a oferta era boa e aceitável era a extensão das bênçãos recebidas, não a quantia ofertada. A oferta de sacrifício implica em desdobrar-nos para dar a maior proporção possível da renda que recebemos ao Senhor. Deus deixa que cada um de nós tome essa decisão.

Ellen White apresenta a oferta de sacrifício como o designio de Deus para Seus doadores.

“Deus considera a falta de abnegação de Seus seguidores profanos como uma negação do nome cristão. Os que professam ser um com Cristo e condescendem com seus desejos egoístas de roupas, móveis e alimentos requintados e caros são cristãos apenas no nome. Ser cristão é ser semelhante a Cristo” (Review and Herald, 13 de outubro de 1896).

A oferta de sacrifício é exemplificada na encarnação, vida e morte de Jesus. Somos chamados a ter Jesus como nosso modelo e inspiração ao doar. Os crentes crescem como doadores sacrificiais quando escolhem ser sábios e modestos em todos os seus gastos.

Doar motivados pelo amor

Antes de contar a história da oferta da viúva, Lucas relata a desaprovação de Jesus de alguns líderes judeus: “Cuidado

com os escribas, que gostam de andar com vestes talares e muito apreciam as saudações nas praças, as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes” (Lc 20:46). Jesus desaprovou a busca de reconhecimento e de honra, que era o que motivava as ações desses líderes. A viúva foi impulsionada por um motivo diferente. Ellen G. White nos diz que:

“O coração acompanhou-lhe a dádiva; seu valor foi estimado, não pela importância da moeda, mas pelo amor para com Deus e o interesse para com Sua obra,

que a motivaram” (O Desejado de Todas as Nações, p. 432).

Jesus, de quem nada se pode esconder, conhecia o motivo daquela pobre viúva. Ela doou por amor a Deus e Sua obra.

Em várias passagens, Deus expressa Seu desprezo por algumas formas de ofertas de sacrifício: “O Senhor diz: De que me serve a multidão dos sacrifícios que vocês oferecem? Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados. Não me agrado do sangue de novilhos, nem

DEUS PRIMEIRO

JORNAL MENSAL



INSCRIÇÃO:



-  **Recursos**
-  **Testemunho**
-  **Vídeos para ofertas, etc.**

<https://stewardship.adventist.org/newsletter>

de cordeiros, nem de bodes” (Is 1:11). Entendemos melhor a repulsa de Deus por algumas ofertas abundantes quando consideramos a diferença entre doar com sacrifício e doar por amor: “Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, isso de nada me adiantará” (1Co 13:3). Dar sacrificialmente nem sempre significa que estamos agindo por amor. O amor é sempre expresso por meio de dádivas, mas nem todas as doações são motivadas pelo amor. Essas ofertas podem ser motivadas por hábito, obediência, esperança de recompensa, medo de punição e muitos outros fatores não relacionados ao amor. Esses tipos de doação não têm valor aos olhos de Deus. Como podemos garantir que nossas ofertas sejam motivadas pelo amor a Deus e pelos outros?

O apóstolo Paulo explica como o amor se tornou a força motriz de suas ações: “Pois o amor de Cristo nos domina, porque reconhecemos isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (2Co 5:14). A certeza de que Cristo morreu para que Paulo pudesse viver foi o combustível que o impulsionou para a frente. Quanto mais meditamos no sacrifício de Cristo em nosso lugar, e quanto mais refletimos sobre as misericórdias, a graça e o perdão de Deus, mais nossas ações e nossas ofertas serão motivadas pelo amor. Ellen G. White descreve o processo de se tornar um discípulo apaixonado:

“Quando Cristo habita no coração, a pessoa se sente tão repleta de Seu amor e da alegria da comunhão com Ele que se torna cada vez mais apegada a Ele. Ao contemplá-Lo, o próprio eu é esquecido.



O amor a Cristo é a motivação certa para a ação” (*Caminho a Cristo*, p. 30).

As palavras “habitar”, “comunhão”, “apegar-se” e “contemplação” falam sobre a estreita relação entre Deus e os humanos e, como resultado, “O amor a Cristo [será] a motivação certa para a ação”. Aqueles em quem Deus Se agrada têm seu amor por Jesus forjada no cadinho de sua intimidade com ele.

Conclusão

Aquele que deu Sua vida por nós, para que tenhamos a vida eterna, nos convida a sermos doadores em todas as épocas. Nossas ofertas devem retribuir o amor que Deus manifestou em nosso favor: Ele esvaziou o Céu para nos trazer salvação. Escolhamos ser doadores em quem Deus Se agrada. Ellen G. White comenta:

“Os que sentem o amor de Deus não perguntam qual é o mínimo que podem fazer para cumprir os

requerimentos de Deus” (*Caminho a Cristo*, p. 30). Em nossa associação com Deus, às vezes nos contentamos com o mínimo. Porém, movidos pelo amor, não nos contentaremos com nada além do melhor.

Indo mais fundo

- Você já foi inspirado por alguém com espírito de sacrifício?
- Quais são alguns dos desafios que podemos enfrentar em nossas tentativas de continuar sendo generosos em nossas ofertas durante esta época da vida?
- Você gostaria de crescer como um doador em quem Deus Se agrada?

Meu pacto: DEDICAR uma porcentagem regular de minha renda(____%) como oferta ao Senhor (Pacto).

DYNAMIC STEWARD

stewardshipadvertiser.org

Julho - setembro 2021 VOL. 34, NO. 3

AUGMENTAR A GENEROSIDADE

DURANTE A CRISE GLOBAL



DIEU EN PREMIER
GESTION CHRETIENNE DE LA VIE